

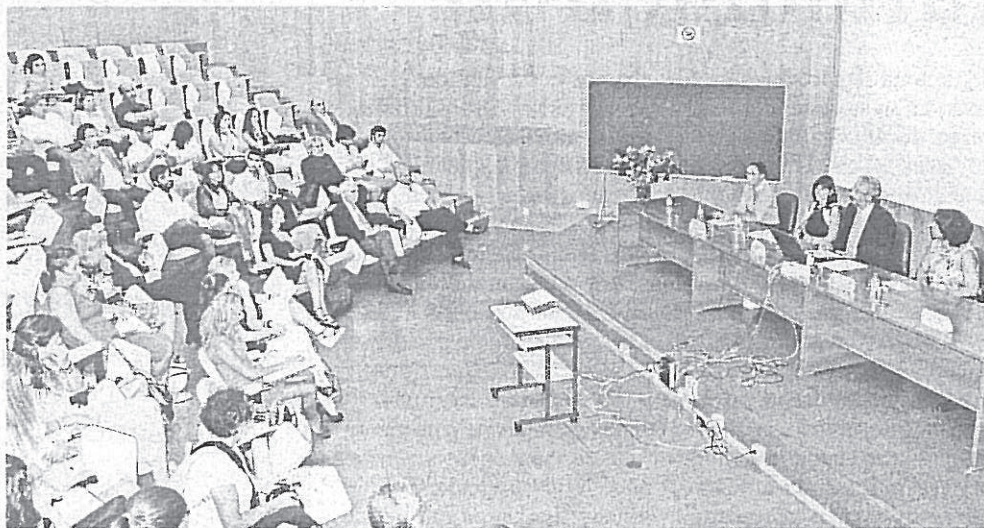
Prevenção do suicídio discutida em Castelo Branco

Apoio deve começar nos centros de saúde

No ano passado foram registados 17 suicídios em Castelo Branco.

A Sociedade Portuguesa de Suicidologia (SPS) diz que é preciso reforçar o apoio aos profissionais dos centros de saúde para que a tarefa da prevenção do suicídio seja mais eficaz. A ideia foi deixada em Castelo Branco, a cidade que a SPS escolheu para assinalar o Dia Mundial da Prevenção do Suicídio e dar a conhecer o plano nacional de prevenção.

Jorge Costa Santos, o presidente da SPS, diz que o suicídio é um problema de saúde pública e que está associado à doença mental, garantindo que “as mortes por suicídio são evitáveis e há que apostar nisso”. É aqui que surgem os centros de saúde, onde as pessoas



O encontro decorreu na Escola Superior de Educação

recorrem sobretudo por causa dos males do corpo.

“Os centros de saúde e os serviços sociais devem ter profissionais treinados para identificar, tratar ou encaminhar estas pessoas, caso necessitem de um acompanhamento especializado”, defende Jorge Costa Santos.

Álvaro de Carvalho, um

dos autores do Plano Nacional de Prevenção do Suicídio, diz que é preciso melhorar a capacidade de diagnóstico destas situações junto dos médicos de família.

Mas o plano também procura ajudar a encontrar respostas que permitam atacar o problema com maior eficácia, já que ainda não

há um sistema que ajude a identificar com maior rigor a causa da morte. Portugal é até o segundo país europeu com maior taxa de morte de causa não identificada.

No distrito de Castelo Branco foram registados 17 casos de suicídio em 2012, um número que se tem mantido estável desde 2009, dizem

os números apresentados no colóquio organizado em conjunto com a Escola Superior de Saúde Dr. Lopes Dias e o Instituto de Medicina Legal e Ciências Forenses. No ano passado o maior número de casos aconteceu entre os homens e na faixa etária que vai dos 60 aos 79 anos. A depressão é o caminho por onde se esgotam vidas. Patrícia Bernardo, do Departamento de Psicologia da Unidade Local de Saúde de Castelo Branco, fez um estudo no sul do distrito, que ficou concluído em 2008 e abrangia sete concelhos da raia e pinhal, incluindo Castelo Branco. Na altura chegou à conclusão que 67 por cento das 904 pessoas que passaram pela consulta tinham um diagnóstico de depressão, um número que surpreendeu os especialistas.

“Este período compreendeu os incêndios de 2003, o acidente com o autocarro na A23 e o início da crise”,

explica Patrícia Bernardo.

Passados cinco anos a responsável do departamento de psicologia continua preocupada com a situação dos idosos, que não compreendem os males da depressão e que por isso também não pedem ajuda aos médicos. Mas em qualquer idade uma depressão que se arrasta há muito tempo é um sinal a ter em conta. Os casos de esquizofrenia, alcoolismo crónico, toxicod dependência, tentativas frustradas de suicídio e antecedentes familiares devem merecer atenção redobrada. A crise, com o desemprego e perda de poder económico, também pode contribuir para o aumento do número de casos “mas não podemos apontar só um fator”, diz Patrícia Bernardo, que tem vindo a sentir um interesse cada vez maior dos médicos de família para estas questões.

José Furtado